

EDUCAÇÃO SEXUAL E INFÂNCIA NOS ESPAÇOS FORMAIS DE APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL ENTRE 2009 E 2020

Gabriela Maria Dutra de Carvalho¹

Gláucia Cardoso de Souza-Dal Bó²

Nathália Cristina Custódio³

Resumo: A sexualidade é fortemente influenciada pela interação entre fatores diversos, dentre os quais: biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos. Este trabalho dispõe-se a centralizar a sexualidade sob um olhar científico e crítico por meio de uma abordagem reflexiva. Para tanto, buscou-se realizar uma investigação de cunho documental sobre as produções acadêmicas no período de 2009 a 2019 em diferentes plataformas de busca, propondo compreender se há relações entre educação sexual e infância. Os resultados indicam o exíguo número de trabalhos específicos no que se refere ao recorte do mapeamento, apontando a prevalência das concepções tradicionais, mantendo o status do fosso cultural e revelando a necessidade de fortalecimento de programas formais de educação sexual e de políticas públicas preventivas, para desconstruir determinados tabus na sociedade em prol de uma educação sexual emancipatória.

Palavras-chave: Educação Sexual; Sexualidade; Infância; Educação infantil.

SEXUAL EDUCATION AND CHILDHOOD IN FORMAL LEARNING SPACES: AN ANALYSIS OF NATIONAL SCIENTIFIC PRODUCTION BETWEEN 2009 AND 2020

Abstract: Sexuality is a human dimension present in all spheres, even in early childhood, an age group that is involved by adults by unfounded prejudices about the term. This work aims to centralize sexuality under a scientific and critical point of view through a reflective approach. To this end, we sought to carry out a documentary investigation on academic productions between the years 2009 to 2019 in different search platforms, proposing to understand whether there are relationships between sex education and childhood. The results indicate the scarcity of specific works regarding the mapping cut, pointing out the prevalence of traditional conceptions, maintaining the status of the cultural gap and revealing the need for strengthening to deconstruct certain taboos in society in favor of an emancipatory sexual education.

Keywords: Sex Education; Sexuality; Childhood; Child education.

¹ Doutora em Ciência da Educação pela Universidade do Minho, Portugal. E-mail: gabriela.carvalho@udesc.br.

² Acadêmica do curso de pedagogia pelo Centro de Educação a Distância da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: glaudsouza@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Pedagogia e bolsista de extensão pelo LabEdusex/UDESC. E-mail: nathalia.cristina.custodio@gmail.com.

Introdução

A educação sexual na primeira infância ainda se configura como um tabu, pois para muitas pessoas a criança é vista como um ser assexuado. Durante o seu desenvolvimento, entretanto, a criança está sendo educada sexualmente, seja no meio familiar, na sociedade ou na escola. Esse processo pode acontecer de diferentes formas: por meio de uma abordagem dialógica, preconceituosa ou mesmo repressora ou pelo ocultamento e proibição da conversa.

Historicamente, especialmente a partir da Idade Média, tudo o que está relacionado ao sexo e à sexualidade passa a ser alvo de interdição. Há uma produção discursiva sobre a sexualidade que passa a estabelecer proibições, estabelecendo o que seja feio, sujo e pecaminoso. Como consequência dessa visão repressora e da confusão existente entre os conceitos de sexo e de sexualidade, falar de sexualidade ou realizar a educação sexual com crianças e jovens é ainda uma situação pouco aceitável e tranquila para muitas pessoas, sobretudo, nos espaços formais de aprendizagem.

A ideia distorcida, preconceituosa e carregada de negatividade que permanece ainda hoje acerca do sexo e da sexualidade, aliada à construção de uma história repressiva da infância, faz com que tenhamos ainda tantas dificuldades para lidar de forma tranquila com as manifestações da sexualidade infantil e com as dúvidas que as crianças nos trazem.

A falta de conhecimento sobre a abordagem pedagógica em relação à sexualidade e ao gênero se reflete, muitas vezes, no preconceito de que o trabalho com educação sexual acabaria incentivando a iniciação sexual precoce ou trataria de conteúdos inapropriados e explícitos, incitando a liberdade de gênero. Essa concepção equivocada de educação sexual, notadamente, tem raízes no pensamento fundamentalista que tem como centro uma sociedade heteronormativa, branca, sexista, homofóbica e machista. No entanto, a educação sexual busca lidar com a sexualidade da criança visando proporcionar-lhe o bem estar nas suas relações com Outro, para conhecer seu corpo, seus sentimentos, mas também conhecer as marcas da diferença que constituem os sujeitos e, assim, conhecer o mundo.

Entendemos a criança como um sujeito ativo de sua aprendizagem, que expressa suas dúvidas com naturalidade, e que lida com as questões da sexualidade, em geral, de modo mais tranquilo que muitos adultos e adultas. Por meio do processo de socialização, a criança constrói seu saber, seu mundo, suas percepções. Nessa relação com o mundo, ela se questiona sobre a vida, sobre as diferenças de gênero, sobre seu corpo, sobre sua família, sobre a ausência do pai ou da mãe; ela experimenta e experiencia objetos da mãe e ou do pai. Enfim, constrói conceitos, sentidos e significados em relação à sexualidade e ao gênero.

Debruçada sobre essa problemática, serão compartilhados neste artigo resultados de uma pesquisa realizada no Laboratório Educação e Sexualidade (LabEduSex), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), cuja proposta se volta para o aprofundamento do conhecimento científico acerca da sexualidade e da educação sexual na infância, reiterando e analisando a sua importância enquanto um instrumento de prevenção e combate ao preconceito, à discriminação e à violência.

Com o objetivo de verificar o estado da arte sobre sexualidade e educação sexual na primeira infância, especialmente, nos espaços formais de aprendizagem, mapeou-se a produção acadêmico-científica em diferentes plataformas de busca científica – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), RepositóriUM da Universidade do Minho e portal de Periódicos da CAPES – partindo das seguintes questões norteadoras: Como essa problemática têm sido abordada em trabalhos científicos? Compreende um tema de interesse/relevante, presente nas produções acadêmicas na última década? Há pesquisas que relacionam educação sexual e infância?

Mas, o que é sexualidade?

É comum usarmos a palavra sexo para nos referirmos aos órgãos sexuais/genitais, ao ato sexual, ao conjunto de pessoas que pertencem a um mesmo sexo e, inadequadamente, como sinônimo de sexualidade. O sexo é a nossa marca

biológica, hereditária. É a condição orgânica que nos define e nos diferencia enquanto “machos” e “fêmeas”, seja em seres humanos, plantas ou animais.

A sexualidade é a nossa marca humana, uma produção histórica e cultural, que nos acompanha por toda a vida e que envolve os valores relacionados à vivência do sexo, à identidade, à construção dos gêneros à orientação sexual, ao erotismo, ao prazer, às práticas sexuais, à intimidade e à reprodução. É vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, comportamentos, práticas, papéis e relações.

Conforme Guacira Louro (2000, p. 5), “[...] podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções [...]. Processos profundamente culturais e plurais.” Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), a sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais.

A sexualidade é uma produção discursiva que envolve tanto os ditos quanto os não ditos, ou seja, é produzida por meio de palavras, frases, enunciações, mas também por imagens, comportamentos, posturas e atitudes; envolve o verbal e o não verbal. Foucault denominou como o dispositivo da sexualidade essa produção discursiva e não discursiva no âmbito do sexo, que trata da construção de normas, padrões e verdades sobre as práticas sexuais. Tais discursos fazem parte do dispositivo da sexualidade e são formados por um conjunto heterogêneo de práticas discursivas e não discursivas que possuem uma função estratégica de dominação (FOUCAULT, 2015; 2017).

Enquanto produção de poder e saber, a sexualidade no mundo ocidental deriva por meio de discursos médico e religioso, configurando-se como objeto de vários campos disciplinares e de conhecimento, como por exemplo, a sexologia, psiquiatria, psicanálise e até mesmo a educação. Há todo um dispositivo constituído por práticas discursivas e não discursivas que produzem uma concepção do indivíduo como sujeito dotado de saberes e poderes que buscam normalizar, controlar e estabelecer “verdades” acerca desse sujeito na relação com seu corpo e seus prazeres (FOUCAULT, 2015).

A educação sexual na infância busca lidar com a sexualidade da criança visando proporcionar-lhe o bem estar nas suas relações com Outro, para conhecer seu corpo, seus sentimentos, mas também conhecer as marcas da diferença que constituem os sujeitos e, assim, conhecer o mundo. Conforme Ribeiro (2011), a sexualidade deve ser entendida como uma dimensão inerente à existência e que independe de idade. A criança vai elaborando suas próprias teorias sobre sexualidade de acordo com as suas vivências, conforme o contexto cultural e social diverso no qual está inserida.

Pesquisadoras/es da infância contemporâneos, no entanto, têm buscado chamar a atenção para a multiplicidade de infâncias que existem, uma vez que são diversos os marcadores que podem caracterizar as identidades infantis e que as levam a realidades de existência e aprendizagem diversas. Para as pesquisadoras Guizzo, Beck e Felipe (2013, p. 18), as infâncias estão em processo constante de reconfiguração, de acordo com o interesse e as necessidades de cada sociedade. As atuais e múltiplas configurações familiares, as pedagogias culturais, as tecnologias da comunicação e da informação são alguns dos processos que nas sociedades contemporâneas contribuem para a constituição dessas novas e diferentes infâncias.

Nunes e Silva (2000) compreendem que as atitudes das pessoas, pais e educadores/as, de um modo geral, podem ser metaforicamente classificadas em dois tipos que denominam de "Pedagogia do bombeiro" e "Pedagogia da avestruz". A primeira é compreendida como um "apagar incêndio" e possui um caráter inibidor e mistificador que reprime, reprova (manipulação dos órgãos genitais como coisa feia, que pode provocar o aparecimento de verrugas nas mãos) ou busca associações místicas (o caso de serem as cegonhas que trazem os bebês) para responder aos questionamentos da criança.

No segundo caso, ao deparar com as curiosidades e expressões sexuais da criança, a pessoa muda de assunto ou adia o retorno, quando é questionado ou finge que não está vendo (caso do autoerotismo) como o avestruz enterra a cabeça na areia. Essas reações derivam de nossa história construída em torno de formas de se falar sobre a sexualidade, de lugares próprios onde ela pode ser falada, de formas de olhar que buscam os "problemas" a serem tratados.

A sexualidade no mundo ocidental, conforme aponta Foucault (2015), foi sendo higienizada e medicalizada, de forma que família e escola foram sendo construídos não como espaço de diálogo, mas como instâncias de vigilância e proibição. Por isso, hoje nossa dificuldade em enfrentar a descoberta da criança de seu corpo e a expressão de suas dúvidas em relação a essa temática. As expressões da sexualidade na infância, apesar de corriqueiras, costumam causar constrangimentos e inseguranças para muitos adultos/as, familiares ou professoras/es.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, a partir da qual buscou-se proporcionar ampla familiaridade com as questões levantadas (GIL, 2002), admitindo que as respostas não podem ser quantificáveis quanto ao seu “universo de significados” (MINAYO, 2000, p. 21).

Quanto aos procedimentos técnicos da produção de dados, partiu-se de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida “[...] com base em material já elaborado”. A pesquisa em fontes primárias permite ao pesquisador a obtenção de uma gama de fenômenos maior do que poderia investigar diretamente (GIL, 2002, p. 44-45). Ademais, a pesquisa bibliográfica contribui também para estar em contato com as produções e identificar o que já se tem produzido sobre o tema investigado, além de permitir maior aprofundamento teórico que norteia a investigação.

O mapeamento do estado da arte foi feito em três plataformas de busca científica: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o RepositóriUM da Universidade do Minho e o portal de periódicos da CAPES. Foram considerados os trabalhos publicados entre 2009 e 2020 e utilizados os seguintes descritores: sexualidade, educação infantil, infância, escola, literatura infantil e artefatos culturais. Neste artigo optou-se por contextualizar as produções compiladas a partir do Portal de Periódicos da CAPES no período considerado.

Educação Sexual e Infância: um tema negligenciado

A partir da pesquisa nas plataformas de busca científica BDTD, RepositórioUM e CAPES, foi possível compilar um total de 35 trabalhos entre os anos de 2009 e 2019: 4 Teses(TD), 19 Dissertações (DM) e 12 Artigos (A), conforme mostra o Quadro 1. Percebeu-se, tão logo, que não há um número significativo de pesquisas que abordam essa problemática e que, certamente, não dão conta de aprofundar um tema tão urgente e necessário, sobretudo, nos espaços formais de aprendizagem. Esse panorama reforça a ideia de que a sexualidade ainda é vista como um tabu, especialmente, ao ser vinculada à infância e ao ensino formal.

QUADRO 01 – Caracterização da produção acadêmica relacionando educação sexual, infância e espaços formais de aprendizagem, em diferentes plataformas de busca científica no período entre 2009 e 2020.

Plataforma	Número de produções	Tipo de produção
CAPES	12	A
Minho	2	DM
BTD	17	DM
	4	TD
Total de produções	35	

Fonte: Elaborada pelas Pesquisadoras, 2021.

Por efeito da escassez de produções que abordam educação sexual e infância nos espaços formais de aprendizagens, dos trinta e cinco (35) trabalhos pesquisados, nove (9) possuem dentre os descritores “sexualidade, infância, educação”, doze (12), “sexualidade, educação infantil, educação sexual”, dois (2), apenas “sexualidade”, cinco (5), “sexualidade, literatura infantil” e sete (7), “sexualidade, educação infantil, infância, escola, artefatos culturais”.

A partir da análise dos resultados, infere-se que a educação sexual emancipatória não tem sido alvo principal das ações educativas, o que justifica a ausência de produções nesta área realizadas no ano de 2020 e sua escassez em 2019.

Sabe-se que os professores apresentam dificuldades inúmeras para lidar com questões de sexualidade, sobretudo, na infância e, com a rotina estabelecida fora das salas de referência, especialmente reconstituída via redes sociais, os objetivos concentram-se em outros vieses. O tema, desta forma, permanece sendo negligenciado. O Quadro 2 detalha as produções compiladas a partir dos Periódicos da CAPES.

QUADRO 02 – Mapeamento da produção acadêmica (artigos) relacionada à sexualidade/educação infantil, infância e espaços formais de aprendizagem, compilada no Portal de Periódicos da CAPES, no período entre 2009 e 2020.

Revista	Título/Autoria	Ano
Estudos feministas	Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças, de Constantina Xavier Filha.	2011
Estudos feministas	Dossiê Gênero e sexualidade no espaço escolar, de Cristiani Bereta da Silva e Paula Regina Costa Ribeiro.	2011
Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação	Corporeidade, formação de leitores e literatura infantil: algumas interfaces, de Sonia Maria Martins de Melo, Ademilde Silveira Sartori e Luciana Kornatzki.	2014
Educação e realidade	O Preconceito e as Diferenças na Literatura Infantil, de Jully Fortunato Buendgens e Diana Carvalho de Carvalho.	2016
Pro-posições	Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea, de Edgar Roberto Kirchof e Lara Tatiana Bonin.	2016
Pro-posições	Gênero e resistências em filmes de animação, de Constantina Xavier Filha.	2016
Revista Ártemis	Gênero e sexualidade na infância: circulação de ideias na internet, de Constantina Xavier Filha.	2016
Psicologia: ciência e profissão	Polifonia na Produção do Binarismo de Gênero em Brincadeiras na Primeira Infância, de André Pereira dos Santos, Silvine Bonaccorsi Barbato e Polianne Delmondez.	2018
Revista Ártemis	Uma nova mulher (?): gênero feminino na filmografia contemporânea da Disney, de Juliana Machado Ruiz e Rafael de Tilio.	2018
Revista Memorare	Literatura infantil, relações de gênero e imaginário: um estudo sobre a expressão do feminino nos contos de fada, de Luiza Liene Bressan, Heloisa Juncklaus Preis Moraes, Erica Furlan e Adriana Zomer de Moraes.	2018
Investigações em Ensino de Ciências	Os temas 'corpo humano', 'gênero' e 'sexualidade' em livros	2019

	didáticos nos livros de ciências do ensino fundamental, de Hellen José Daiane Alves Reis, Marcos Felipe Silva Duarte, Jackson Ronie Sá-Silva.	
Revista Temas em Educação	O espaço formativo do PIBID como lócus de desestabilizações e ex-posições sobre as questões de gênero e sexualidade, de Marcos Lopes e Souza e Anderson Ferrari.	2019

Fonte: Elaborada pelas Pesquisadoras, 2021.

Status quo da publicação nacional em educação sexual e infância nos últimos anos: uma síntese crítica

Silva e Ribeiro (2011) são autoras de um dossiê no qual articulam gênero, sexualidade e educação; e salientam sobre a importância de oportunizar o debate acerca das relações de gênero e sexualidade nas práticas de inclusão e exclusão nos espaços educativos. Dentre os artigos compilados pelas autoras, os quais abordam especificamente as representações de gênero/sexualidade no âmbito da infância, está a pesquisa de Constantina Xavier Filha intitulada “Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças”.

Xavier Filha (2011) questiona como as representações de gênero são construídas pelas crianças e problematiza algumas questões como sexualidade e diversidade sob a ótica dos contos de fadas. A autora realizou uma pesquisa-ação com um grupo de crianças e pré-adolescentes de uma escola pública de Mato Grosso do Sul, construindo uma narrativa coletiva a partir das descrições (narrativas ou ilustrações) dos sujeitos de pesquisa acerca das características físicas e comportamentais das personagens principais dos contos de fadas: os príncipes e as princesas.

A autora discute como se constitui essa construção coletiva e social, idealizada e romantizada, especialmente, da figura feminina; e sugere pensar nesses protagonistas de uma forma pouco convencional. O objetivo de sua pesquisa, tendo as questões de gênero como pano de fundo, é desconstruir a figura clássica da princesa, como uma mulher dócil, meiga, submissa e romântica, cuja vida tem sentido tão somente com a completude de um amor verdadeiro. Essas adjetivações vão ao

encontro do que se deseja social e culturalmente de uma mulher, ainda nos dias de hoje; são características representativas da identidade feminina hegemônica, que associa de forma naturalizada a vida da mulher à submissão, à abnegação e ao casamento heterossexual. Ademais, a mulher deve ser magra, esguia, vaidosa e afeiçoar-se aos cuidados domésticos (XAVIER FILHA, 2011).

Observou-se um conformismo maior por parte das meninas, às convenções sociais ensinadas desde muito cedo, demarcando o que compete à mulher e o que cabe ao homem. Evidenciou-se uma demarcação bastante rígida de gênero e o quanto as características femininas consideradas ideais estão fortemente presentes nos discursos das crianças - as cores rosa e azul são um exemplo clássico desse arraigamento (XAVIER FILHA, 2011).

Os discursos que privilegiam a heterossexualidade, como a única possibilidade de constituição identitária sexual, constituem-se em um conjunto de normas, mecanismos e dispositivos que fazem parte das várias pedagogias da sexualidade e de gênero presentes socialmente e que capturam as crianças desde muito cedo. Um dos exemplos significativos são os contos de fadas, que reforçam a matriz heterossexual com o reforço da relação amorosa e do enlace final [...] (XAVIER FILHA, 2011, p. 600).

Bressan, Moraes, Furlan e Morais (2018) também são autores de uma pesquisa que problematiza as relações de gênero a partir dos contos de fadas. O artigo intitulado “Literatura infantil, relações de gênero e imaginário: um estudo sobre a expressão do feminino nos contos de fada” tem a seguinte questão norteadora: Qual a contribuição dos contos de fadas e, especialmente, das princesas, para a formação do imaginário de beleza pelas crianças?

A partir da análise de cinco contos de fadas, os autores pontuam que as princesas e a expressão simbólica da beleza revelam um modo de ser e estar no mundo, cujas histórias causam encantamento mágico e universal, sobretudo, nas crianças, atravessando gerações. “Todas são jovens, belas, bondosas e resignadas. Todas sofrem adversidades de forma calada e terminam a história com um final feliz, casadas com um belo príncipe” (BRESSAN, MORAES, FURLAN. MORAIS, 2018, p. 21).

O artigo “Gênero e resistências em filmes de animação” também é de autoria de Xavier Filha (2016a). A autora analisa as concepções de gênero da princesa Barbie em um filme de animação e na fala das crianças, partindo do princípio de que elas são sujeitos de direito com capacidade argumentativa passível de modificar concepções culturalmente construídas. A pesquisadora entende os filmes como artefatos culturais, retoma a discussão acerca do padrão de normalização em relação à figura das princesas, discutido anteriormente, e propõe pensar em conjunto com as crianças em novas formas de feminilidade e masculinidade e de resistências possíveis.

Ainda no âmbito dessa discussão e embasada em Xavier Filha (2011; 2016a; 2016b), é importante que falemos sobre identidade de gênero. Os sujeitos têm identidades diversas, que se forjam e se transformam continuamente. “[...] as identidades de gênero referem-se aos modos pelos quais os sujeitos se identificam social e historicamente”. O conceito de gênero, portanto, está atrelado ao modo como as diferenças sexuais são representadas (XAVIER FILHA, 2016a, p. 23). “O gênero é um produto social e que nada tem de ‘natural’. Por tais razões, novos jeitos de ser masculino e feminino devem ser propostos nas instituições sociais e também nas educativas” (XAVIER FILHA, 2016b, p. 88). Afinal, ser menino ou menina é algo que não se reduz ao determinismo biológico. A nossa identidade é forjada a partir de aspectos biológicos, psicológicos, sociais, culturais e econômicos (REIS; DUARTE; SÁ-SILVA, 2019).

No entanto, as diversas instâncias sociais com as quais interagimos - cinema, livros, escola, famílias, igreja, dentre outras - acabam educando para a constituição imutável de um gênero, ou seja produzem o que Louro (1999) chama de pedagogia da sexualidade e de gênero, além do disciplinamento dos corpos, inevitavelmente propagados em todos os espaços sociais. Há um ideário baseado na visão binária de ser feminino/masculino; um discurso único, pronto e acabado sobre como devemos agir ou nos portar.

No artigo “Polifonia na produção do binarismo de gênero em brincadeiras na primeira infância”, Santos, Barbato e Delmondez (2018) pontuam que relações específicas são potencializadas, influenciadas por práticas familiares e culturais

circundantes no meio onde a criança se desenvolve, com o propósito de agenciar papéis sociais para fabricação de um menino masculino e de uma menina feminina, muito por conta da perspectiva binária de gênero.

De acordo com Santos; Barbato e Delmondez (2018), na tradição ocidental, brinquedos e cores são empregados como dispositivos que se colocam a serviço do binarismo das normas de gênero. Logo, esse discurso normalizador pautado na heteronormatividade acaba sendo legitimado por inúmeras histórias, animações e brincadeiras infantis, os quais acabam reiterando marcadores sociais como: feminilidade, branquidade, magreza, juventude, dentre tantos outros.

Os autores supracitados analisaram o comportamento de crianças com menos de três anos em contextos de brincadeira, num primeiro momento brincando sozinhas; e numa segunda etapa, interagindo com um adulto mediador. Verificou-se a prevalência do discurso social estereotipado do cuidado feminino, conservando os papéis que os meninos e meninas devem ocupar em nossa cultura.

No artigo intitulado “Criança, gênero e sexualidade: realidade e fantasia possibilitando problematizações”, Ribeiro (2011) se valeu de três roteiros de filmes para analisar a descoberta da sexualidade e das relações de gênero pelas crianças. A autora se refere à negação da singularidade da criança e da sexualidade infantil pelos adultos, como consequência de uma tradição religiosa e da imagem da infância ingênua. Xavier Filha (2016b) também problematiza a questão da negação da sexualidade pela perspectiva adultocêntrica no artigo intitulado “Gênero e sexualidade na infância: circulação de ideias na internet”:

A partir desse não saber (ou negação do saber), constroem-se ou se produzem concepções, subjetividades e práticas antagônicas e contraditórias, que, ao final, têm como resultado *dessexualizar* a criança ou considerar a sexualidade algo perverso. É comum ouvir que “a criança não tem malícia” [...]; que “a criança é um ser puro” [...]; ou que “a criança não tem sexualidade” [...] (XAVIER FILHA, 2016b, p. 86).

A partir das manchetes compiladas na internet sobre sexualidade e gênero da criança, verificou-se fortemente a veiculação da ideia de que a criança é um ser sem sexualidade e que pode ser facilmente influenciada pelo meio. Do mesmo modo, no

que se refere às questões de gênero, a ideia recorrente é de que se trata de algo biológico, inato, que remete tradicionalmente ao masculino e ao feminino (XAVIER FILHA, 2016b).

Diante do exposto, trago aqui uma reflexão a partir de Ribeiro (2011): Que espaço meninos e meninas têm para manifestar suas descobertas? Quando não oportunizamos às crianças esse espaço de expressão, elas acabam por descobrir sozinhas e tecem suas próprias considerações sobre sexualidade. No entanto, este deve ser um processo orientado, de acolhimento. A sexualidade não é algo isolado que não possa adentrar nos espaços de aprendizagem.

Não só na infância, mas em qualquer idade, a educação como uma ação pela contradição e pela resistência navega em direção à reelaboração de padrões culturais que muitas vezes proíbem as expressões da sexualidade e a desconstrução dos estereótipos de gênero (RIBEIRO, 2011, p. 606).

Melo, Sartori e Kornatzki (2014), em seu artigo “Corporeidade, formação de leitores e literatura infantil: algumas interfaces”, compartilham suas reflexões sobre as vertentes pedagógicas de educação sexual em livros para a infância, reforçando a importância do uso crítico das obras de literatura infantil.

As mensagens expressas em seus conteúdos contribuem para uma proposta emancipatória? Os livros de literatura infantil voltados para educação sexual na infância refletem padrões, normas e estereótipos repressores ou sinalizam para o reconhecimento, valorização e respeito à diversidade humana? Quais sujeitos-corporeidades estamos ajudando a formar? Essas são algumas das importantes questões levantadas por Melo, Sartori e Kornatzki (2014), que corroboram com os autores mencionados anteriormente, ao denunciar que a ausência de um diálogo intencional com as crianças sobre sexualidade acaba reforçando a ideia de que se trata de algo proibido.

Embasados em Belotti (1981) e Coelho (2002), Melo, Sartori e Kornatzki (2014) afirmam que os livros de literatura infantil reproduzem a distinção e qualificação dos gêneros em relação ao papel que socialmente melhor lhes cabe, ou seja, reafirmam os modelos que a família e a sociedade apregoam. Tão logo, se faz emergente a

escrita de novos livros de literatura infantil que apresentem uma outra perspectiva de vida, que superem essa visão reducionista e apontem para um viés emancipatório.

Para tanto, destacamos a necessidade de desvelamento junto a esses alunos e alunas e seus professores e professoras que somos todos seres no mundo em relações educativas uns cons os outros, construindo-nos e reconstruindo-nos como corporeidade viva, e nela, maravilhosamente inseparável, a sexualidade (MELO, SARTORI e KORNATZKI, 2014, p. 300).

Buendgens e Carvalho (2016) também analisam a contribuição da literatura infantil no artigo intitulado: “O preconceito e as diferenças na literatura infantil”. Os autores afirmam que durante muito tempo a literatura infantil se negava a tratar de questões diversas como sexualidade, conflitos de classe, diferenças raciais e problemas familiares. No entanto, refletindo sobre a influência que as obras literárias exercem sobre os sentimentos das crianças, é importante que o preconceito, a diversidade humana e a sexualidade sejam retratados nos livros infantis, permitindo às crianças vivenciarem e sentirem tais experiências antes que elas aconteçam.

De acordo com os autores supracitados (RIBEIRO, 2011; MELO; SARTORI; KORNATZKI, 2014; BUENDGENS; CARVALHO, 2016), a literatura infantil, especialmente no espaço escolar, tem papel fundamental pois contribui para o alargamento das experiências infantis acerca de temas diversos e relevantes, dentre os quais, a sexualidade. É indiscutível, portanto, a sua importância no sentido de fazer com que as crianças não reproduzam os preconceitos construídos historicamente. “A realidade na qual o livro infantil influi é aquela interna da criança, suas ideias, conceitos e sentimentos” (BUENDGENS; CARVALHO, 2016, p. 598).

Kirchof e Bonin (2016) relacionam literatura infantil e pedagogia no artigo “Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea”. Os autores reforçam a importância da literatura enquanto um instrumento pedagógico para a formação do sujeito, salvaguardadas as dimensões lúdica e artístico-literária, tanto na escola quanto em outros ambientes de formação.

Kirchof e Bonin (2016) convergem com o exposto por Buendgens e Carvalho (2016), quando se referem ao fato da literatura infantil adequar-se, na sua origem, ao contexto cultural de uma burguesia emergente e a uma série de convenções morais,



éticas e pedagógicas de forma explícita e adultocêntrica. O desvencilhamento dessa tradição pedagógica iniciou a partir de 1865 na Europa, com a obra “Alice no país das maravilhas”. No Brasil, esse rompimento se deu a partir da década de 1960, tendo Monteiro Lobato como pioneiro.

Talvez nem mesmo os livros de Ciências consigam adentrar de forma aprofundada nestes temas. Reis, Duarte e Sá-Silva (2019) se detiveram a uma análise documental em livros didáticos de Ciências. Os autores alertam para o caráter técnico e naturalista dessa disciplina e ponderam sobre a inexpressividade de informações sobre gênero e sexualidade. Ademais, verificou-se que os conteúdos são norteados tão somente pela perspectiva biológica e fisiológica, conferindo pouca atenção aos aspectos socioculturais.

Via de regra, a curiosidade das crianças acerca de temas que envolvem a sexualidade é subestimada e fortemente tolhida, de modo que ela não tem oportunidade de falar e tirar suas dúvidas sobre gestação, nascimento, casamento, diferença entre os sexos, homossexualidade, dentre tantos outros temas (RIBEIRO, 2011). A escola pode ser um espaço, portanto, de reflexão e discussão acerca das dicotomias socialmente impostas, dos binarismos perpetuados e legitimados historicamente; problematizando as infinitas pluralidades imbuídas nesse complexo processo de desconstrução (XAVIER FILHA, 2011).

É necessário vislumbrar uma educação que leve em conta a heterogeneidade e as contradições dos espaços de aprendizagem, direcionado para que os sujeitos se sintam livres e possam explorar contextos variados de atuação e de invenção de si, do outro e do mundo, reconhecendo o outro como parte do eu (SANTOS; BARBATO; DELMONDEZ, 2018).

Realizar pesquisas e propor discussões sobre sexualidade nos espaços escolares é importante para que se conheçam as relações e as concepções dos estudantes, docentes, da escola e da família. A partir disso, é preciso ampliar o olhar para as demandas sociais que este tema gera. Refletir sobre as questões de gênero desde muito cedo é vital para que comportamentos misóginos, homofóbicos não sejam estimulados e propagados. Há uma diversidade de recursos, ou seja, de

artefatos culturais dos quais o educador pode se valer para contestar as verdades absolutas impostas pela sociedade (REIS; DUARTE; SÁ-DUARTE, 2019).

Notadamente, é preciso investir em ensino, pesquisa e extensão para que sejam criados e mantidos espaços e programas/projetos de problematização e formação docente intencionados em assumir debates sobre gênero e sexualidade. Souza e Ferrari (2019) tecem algumas considerações a partir de sua experiência com um programa de formação com professoras da educação infantil. Diante dos episódios relatados em sala de aula, percebeu-se um receio em aprofundar os saberes das crianças sobre sexualidade, mas ao mesmo tempo, reconheceu-se a importância de não desconsiderar ou relativizar a curiosidade das crianças.

Kornatzki e Carvalho (2022, p. 213), neste sentido, demonstram a importância dos espaços de formação continuada em mobilizar discussões sobre questões de gênero, sexualidades, diferenças e diversidades com professoras/es da infância, auxiliando na formulação de abordagens que possibilitem contestar verdades, preconceitos e discriminações que cercam esse trabalho.

Portanto, agir de modo automático e sem qualquer releitura do fazer docente é algo recorrente quando se trata de questões de gênero e sexualidade, especialmente, na infância. É preciso construir novos caminhos na sala de aula para que estes saberes não sejam engessados ao discurso daquilo que é melhor ou socialmente aceito. Possivelmente, de forma coletiva, muitas inquietações podem ser compartilhadas, potencializando mudanças necessárias, sobre Si, sobre o Outro e sobre as crianças (SOUZA; FERRARI, 2019).

Considerações Finais

Foram publicados 35 trabalhos relacionando educação sexual, infância e espaços formais de aprendizagem ao longo de dez anos (2009 - 2019). Destes, somente 12 artigos se propuseram a debater e refletir acerca de uma questão tão premente nos dias atuais, mas que ainda é vista como um tabu. Na sua maioria, os pesquisadores expressaram, por meio de suas análises e munidos de recursos diversos, o quanto é difícil transpor barreiras históricas e culturalmente entranhadas

no *modus operandi* da sociedade.

Observou-se, especialmente, nas experiências com as crianças, como elas acabam perpetuando e repercutindo padrões naturalizados sobre o que é conveniente para um menino/homem e para uma menina/mulher. Do mesmo modo, verificou-se a importância de se valer de recursos como a literatura infantil e de artefatos culturais diversos, desde que contribuam no sentido de uma educação sexual emancipatória em detrimento da manutenção dos estigmas e preconceitos idealizados pela perspectiva adultocêntrica.

Inserir a educação sexual como pauta nos currículos escolares, especialmente, com as crianças, é impreterível para que um cenário diferente seja construído. É necessária a superação do senso comum em relação à educação sexual. É preciso um olhar atento às crianças. Logo, a transposição dessas barreiras requer a criação de espaços pedagógicos que fomentem o diálogo e a troca de experiências.

O trabalho de educação sexual nessa perspectiva dialógica visa à emancipação dos sujeitos, permitindo às crianças a compreensão de seu corpo a partir de uma perspectiva positiva e de valorização de si, do seu gênero, sua identidade imersa em uma cultura e sociedade. Esta proposta de educação sexual busca refletir e discutir as normas e limites que são construídos historicamente, combatendo as diferentes formas de preconceito, discriminação e violência. É política e pedagógica, pois todos somos seres políticos e pedagógicos. Por meio dela procuramos olhar o ser humano como sujeito em construção de sua identidade. Visa combater sanções, pecados e medos; envolve as ciências e visa a superação do senso comum, constituindo-se uma ciência dialético-crítica.

Referências

BELOTTI, E. G. **Educar para a submissão**. Petrópolis: Vozes, 1981.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2022.

BRESSAN, L. L; MORAES, H. J. P; FURLAN, E; MORAIS, A. Z. de. Literatura infantil, relações de gênero e imaginário: um estudo sobre a expressão do feminino nos contos de fada. **Rev. Memorare**, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 3-23, jan./abr. 2018.

Disponível em:

>https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/6285/3804>. Acesso em set. 2021.

BUENDGENS, J. F; CARVALHO, D. C. de. O preconceito e as diferenças na literatura infantil, **Educ. Real.**, v. 41, n. 2, abr./jun. 2016. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/edreal/a/KGhdj6rYv6JCDgX8BCWbhKM/?lang=pt>>. Acesso em out. 2021.

FELIPE, J; GUIZZO, B. S; BECK, D. Q. **Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação**. Canoas: Ed. Ulbra, 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 3. ed. São Paulo, SP: Paz & Terra. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Trabalho original publicado em 1976. 2015.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KIRCHOF, E. R. R; BONIN, I. T. Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea. **Pro-posições**, v. 27, n. 2, mai./ago. 2016. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pp/a/yrnrPjhQT4GN79wRyQyTQLf/?lang=pt>>. Acesso em ago. 2021.

KORNATZKI, L; CARVALHO, G. M. D. de. Literatura infanto-juvenil, gênero e sexualidade na infância: diálogos pertinentes na formação docente. In: RIZZA, J. L; SILVA, G. R. **Estratégias de resistência nas escolas: experiências com o debate de gênero e sexualidade**. Rio Grande, RS: Ed. Da FURG, 2022.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, G. L. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto-Portugal: Porto Editora, 2000.

MAIA, A. C. B; SPAZIANI, R. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. **Revista Linhas**, v. 11, n. 1, p. 68- 84, jan. a jun. 2010.

MELO, S. M. M. de; SARTORI, A. S; KORNATZKI, L. Corporeidade, formação de leitores e literatura infantil: algumas interfaces, **Revista Iberoamericana de**

Estudos em Educação, Araraquara, v. 8, n. 1, p. 291-303, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/6531>>. Acesso em ago. 2021.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

NUNES, C; SILVA, E. A. **A educação sexual da criança**. Coleção Polêmicas do nosso tempo. Campinas/SP: EditoresAssociados, 2000.

OMS – WORLD-WIDE ORGANIZATION OF HEALTH. **Growing in Confidence: Programming for Adolescent Health and Development – Lessons from eight countries**. Department of Child and Adolescent Health and Development. 2002.

REIS, H. J. D. A; DUARTE, M. S. F; SÁ-SILVA, J. R. Os temas ‘corpo humano’, ‘gênero’ e ‘sexualidade’ em livros didáticos de ciências do ensino fundamental. **Investigações em ensino de ciências**, v. 24, n.1, 2019. Disponível em: <<https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/1267>>. Acesso em ago. 2021.

RIBEIRO, M. C. Crianças, gênero, crianças e sexualidade: Realidade fantasia possibilitando problematizações. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 19, v. 2. 336, mai./ago. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/mjyDwRQ3rc7CdDNr8yyX8yb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em nov. 2021.

RUIZ, J. M; TILIO, R. de. **Revista Ártemis**, v. 25, n. 1, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/36099/20603>>. Acesso em out. 2021.

SANTOS, A. F. dos; BARBATO, S. B. DELMONDEZ, P. Polifonía en la Producción del Binarismo de Género en Juegos en la Primera Infancia, **Psicologia: ciência e profissão**, v. 38, n. 4, out./dez. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/xnwdJS8cTV3YDDrWkF9kbFB/?lang=pt#>>. Acesso em mai. 2021.

SILVA, C. B. da; RIBEIRO, P. R. C. Dossiê Gênero e Sexualidade no espaço escolar. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, mai./ago, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200009/19316>>. Acesso em mai. 2021.

SOUZA, M. L. de; FERRARI, A. O espaço formativo do PIBID como lócus de desestabilizações e ex-posições sobre questões de gênero e sexualidade. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, Brasil, v. 28, n. 3, p. 60-76, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/48043/28840>>. Acesso em: ago. 2021.

XAVIER FILHA, C. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças, **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/z5kp7sqRvrtmYJ4kqrCc8pt/abstract/?lang=pt>>. Acesso em mai. 2021.

XAVIER FILHA, C. Gênero e resistências em filmes de animação. **Pro-posições**, v. 27, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/D439Z8335B9GJwqN4z7K5xP/?lang=pt>>. Acesso em mai. 2021.

XAVIER FILHA, C. Gênero e sexualidade na infância: circulação de ideias na internet. **Revista Ártemis**, v. 22, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/32134>>. Acesso em mai. 2021.

Recebido Junho de 2022

Aprovado janeiro de 2023.